

# PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PROFISSÃO DOCENTE

André Araujo de Medeiros <sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo destina-se a refletir sobre como o processo de plataformização tem impactado a profissão docente no campo da educação no Brasil, desde o período da Pandemia do Coronavírus (Covid-19), bem como suas inserções e novas formas de governança do trabalho docente. Os processos de plataformização estão relacionados a atividades inseridas nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), demandando a formação de novos sujeitos, novas concepções de educação, formação e trabalho docente. Sob o viés metodológico, o presente trabalho está substanciado numa Revisão de Literatura, utilizando uma metodologia qualitativa e análise bibliográfica, com a finalidade de integrar conhecimentos relevantes sobre a influência do digital no trabalho docente. Conclui-se que o avanço da plataformização no trabalho docente está associado a uma racionalidade neoliberal que tem contribuído para a precarização da docência, reduzindo a autonomia dos professores e dos alunos.

**Palavras-chave:** Plataformização; Neoliberalismo; Neotecnicismo digital; Educação; profissão docente.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo elaborado por meio de Revisão Sistemática de Literatura, numa investigação exploratória e bibliográfica, tem como objetivo refletir acerca de como o processo de plataformização das mídias digitais tem impactado a profissão docente no campo da educação no Brasil, desde o período da Pandemia do Coronavírus (covid-19), bem como suas inserções e novas formas de governança do trabalho docente. As palavras-chave que fundamentam esse texto são: *plataformização; neoliberalismo; neotecnicismo digital; educação; profissão docente*. Ao longo desse trabalho, elenquei algumas indagações que procuro responder durante essa produção: Em que medida o neoliberalismo e o capitalismo informacional se entrelaçam mutuamente impactando as dinâmicas da educação? Como a plataformização tem influenciado na constituição de novos perfis profissionais de professor subjugados pelas lógicas neoliberais, evidenciando um esvaziamento da produção autoral docente?

Tais indagações são o ponto de partida para essa produção escrita. Nesse sentido, esse trabalho está estruturado em duas seções, além da introdução e das considerações

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/PPGECC, [medeiros4645@gmail.com](mailto:medeiros4645@gmail.com)





mercado e a educação seria uma ferramenta essencial para alcançar essa finalidade (Maués, 2014).

Sendo assim, nesse contexto de intervenção, os organismos internacionais começam a intervir nos Estados de forma a obter esse controle, com o objetivo de promover um alinhamento à nova ordem social, econômica e política. Em virtude de o mercado de trabalho passar a necessitar de mão de obra mais qualificada, passa-se a exigir da escola conteúdos curriculares adaptados às necessidades sociais e de trabalho e é questionada se a formação dos professores daria conta de formar um profissional preparado para as demandas atuais (Maués, 2014).

Segundo Freitas (2021), ao longo de sua história, o capitalismo vem produzindo mudanças em sua estrutura produtiva com inserção tecnológica cada vez maior, alinhada ao controle cada vez mais rigoroso, intenso e precário sobre as relações de trabalho, impondo que a educação se adapte a essas mudanças para atender às demandas de mercado.

A tecnologia não é, necessariamente, nossa inimiga, no entanto, não podemos dizer o mesmo do projeto educativo que ela traz embutido. Este projeto é herdeiro das mesmas lógicas pelas quais o capitalismo promove, ao longo da sua história, o revolucionamento na sua base produtiva: introdução de mais tecnologia combinada com aumento de controle do processo, precarização e intensificação do trabalho, e ampliação incessante de mercado – fatores contrariantes das crises nas quais ele se envolve e, sem os quais, não consegue empurrá-las para frente (Freitas, 2021, n.p.)<sup>2</sup>

A possibilidade de dispor de aparatos tecnológicos alinhados à educação retoma antigas motivações, anseios e desejos levantados no auge da época conhecida como “bolha da internet”, quando houve uma crise demandada pelo aumento das ações das empresas de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (Silva, 2020). Nessa época foram criadas muitas expectativas no sentido de que as TIC dariam conta de resolver os problemas identificados na educação, trariam melhores índices de qualidade, tornando-a mais eficiente e eficaz.

Segundo Freitas (2011), havia expectativas de melhora e avanços ao pensar na aplicação da perspectiva do neotecnicismo digital, ao implantarem a tecnologia e o aumento do controle. Como naquele instante a escola era responsabilizada por formar profissionais despreparados e os professores responsabilizados pelo despreparo daqueles que ingressaram no mercado de trabalho, o uso da tecnologia era pensado como algo

---

<sup>2</sup> Publicado no Blog do Professor Luiz Carlos de Freitas. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnicismo-digital/>. Acesso em dez. 2024.



capaz de solucionar e resolver a questão da defasagem curricular e a possibilidade de produzirem mais bem resultados da aprendizagem. Já a questão do controle poderia estar ligada ao fato de direcionar o fazer do professor, adequando as questões curriculares aos ideais de mercado e ao perfil de profissional esperado.

Percebe-se na atualidade uma atuação cada vez mais abrangente das TICs inseridas num processo de plataformização da educação. Esse processo que foi ganhando força e robustez na pandemia incorpora a “teoria da escolha pública” e “teoria da responsabilidade por metas”, configurando o neotecnicismo digital (Freitas, 2021). Ainda de acordo com o autor, essas concepções têm trazido uma reformulação dos espaços e tempos pedagógicos, controlando objetivos, conteúdos e processos educativos, estabelecendo processos de privatização da educação, na tentativa de colocá-la nas mãos da iniciativa privada.

Segundo os professores Helena Costa Lopes de Freitas (2018) e Gary Anderson (2017), as mudanças anunciadas no processo educativo estão sendo marcadas por um retrocesso na sociedade, que tem valorizado o capital privado, que tem sido amplamente difundido no meio educacional, aprofundando a desigualdade, estimulando a privatização, a flexibilização da legislação e o enfraquecimento dos sindicatos trabalhistas.

De acordo com Silva (2022), os fatos expostos dão conta de uma percepção de minimização do fazer docente, ampliando o controle escolar sobre o fazer do professor, o que ele deve ensinar e um controle sobre o aluno, acerca do que aprender, a fim de controlar o dever ser (Silva, 2022). Com isso, os professores estão sendo evocados a investirem em seu capital humano, como forma de alcançarem desempenhos satisfatórios de seus alunos nas avaliações nacionais.

## **A PLATAFORMIZAÇÃO E AS RECONFIGURAÇÕES DO TRABALHO DOCENTE**

Conforme desenvolvido na seção anterior, o neoliberalismo trabalha numa lógica mercadológica, inserida numa visão de mundo estabelecida para maximizar o capital e seus lucros. As instituições de ensino têm sido alvo dessas ações maléficas, pois têm influenciado as práticas pedagógicas e a formação dos sujeitos. Para Nóvoa (2022), estamos vivendo num tempo em que precisamos decidir o futuro da educação. A



indiferença, permissão ou ausência diante de práticas mercantilistas na educação tem colocado o futuro da escola e da humanidade em risco.

A concepção neotecnicista voltou completamente reformulada pela onda neoliberal, caracterizando novas relações de trabalho e de produção e inseridas num contexto histórico de mudanças para a escola e para o trabalho pedagógico, principalmente através das pedagogias das competências e de matrizes instrumentais e comportamentais que defendem políticas curriculares em prol da produtividade, da eficiência e dos resultados (Freitas, 2016). O neotecnicismo é caracterizado pelo uso intenso das tecnologias de informação, treinamento para o alcance de diferentes habilidades e a evocação de um professor capaz de preparar os alunos para acompanharem o ritmo de desenvolvimento das novas tecnologias e da sociedade do conhecimento (Freitas, 2016).

Aliada a isto, a introdução de sistemas de ensino pré-fabricados isola e retira a centralidade do professor, colocando alunos e professores sob controle de processos de ensino on-line previamente “neutralizados” e aprovados. Com isso, tenta-se que o espaço da sala de aula seja padronizado nos termos da política vigente, sem oponentes. Nem mesmo a sala de aula, tida como um espaço do professor, pode escapar, procurando pôr fim à ideia de que “na sala de aula é o professor que faz o que ele entende que deve fazer, independentemente da política oficial” (Freitas, 2016).

Ao explorar as interseções entre a plataformização e as reconfigurações do trabalho docente, é possível perceber como a égide da racionalidade neoliberal e o neotecnicismo têm produzido outras formas de relações entre alunos, professores, comunidade escolar, cujos efeitos são sentidos em diferentes esferas da sociedade.

Pode-se afirmar com base em Duarte e Guerra (2019), Bortolazzo (2022) e Bortolazzo e Feijó (2024) que a plataformização está relacionada à organização e atividades do dia a dia, serviços, infraestruturas, numa lógica constituída no uso de plataformas digitais. Dessa forma, a ideia de plataformização insere-se numa lógica capital que vê a sociedade como um ecossistema de plataformas interconectadas que moldam e conduzem os sujeitos e suas práticas cotidianas. As práticas da plataformização tiveram um maior impulso a partir do período pandêmico, em que houve um aumento considerável da mercadorização da educação e o uso indiscriminado de tecnologias de informação e comunicação para os modelos de Educação à Distância (Silva, 2022).

As novas relações de trabalho por meio das novas tecnologias da informação e da comunicação estão sendo impulsionadas pelo capitalismo de plataforma, que modela



outros perfis de trabalhador caracterizados por uma disponibilidade ininterrupta de sua força de trabalho (Kalil, 2020). Esses desafios têm-se estendido ao trabalho docente, visto que as atividades pedagógicas parecem não ser encerradas ao término das aulas (Bortolazzo e Feijó 2024). Muitos professores encontram-se envolvidos em diversas plataformas digitais e redes sociais, alimentando conteúdo ou respondendo mensagens, ficando subordinados às tecnologias digitais; isso tem gerado uma descaracterização do trabalho docente (Agostini, 2024).

Esses discursos baseiam-se num gerencialismo educacional que tem repercutido em especial no currículo e no trabalho docente, sob a lógica neoliberal tem subjetivado os alunos e professores para atender demandas mercadológicas e gerenciais e passarem a exercer novos comportamentos desejáveis para o alcance de desempenhos nas práticas escolares (Hypolito, 2010, 2011). Esse controle e regulação baseados em parcerias público-privadas vêm inserindo inúmeras demandas no exercício da docência, que passa a ser responsabilizado e culpabilizado pelas metas não alcançadas. O documento “Reimaginando conexões humanas: tecnologia e inovação em educação”, produzido pelo Banco Mundial em 2020 ressalta que,

Evidências em todo o mundo mostram que, com o passar do tempo, **o papel dos professores se torna mais central**, e não periférico, como resultado do uso efetivo da EdTech. A tecnologia substituirá parte do que os professores fazem atualmente, ao mesmo tempo em que os apoiará, **à medida que eles assumem novas funções e responsabilidades**, muitas vezes mais sofisticadas, como resultado da mudança tecnológica. Os professores podem ser **facilitadores da aprendizagem**, parte de uma **equipe de aprendizagem**, um **colaborador com mentores** especialistas externos, um **mentor para os pais** e um líder de equipe em uma atividade de aprendizagem baseada em projeto, entre outras funções (Banco Mundial, 2020, p. 14, grifos próprios).

Como visto na publicação acima, organizações internacionais alinhadas à agenda global têm redefinido novas funções e responsabilidades para os professores, que são estabelecidas em diferentes diretrizes, enunciando objetivos e princípios para a formação e atuação docente. Segundo Melo, Santos e Pereira (2020), o papel que os professores vêm assumindo como resultado da mudança tecnológica a partir da plataformização da educação é uma estratégia da Nova Gestão Pública para o controle do trabalho docente. Destacam que a plataformização da educação vem atendendo a demandas com estratégias de regulação e controle do saber-fazer do professor, limitando sua autonomia nos processos educativos. Os autores alertam que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – manifestam-se por meio de diferentes empresas privadas trazendo como discurso a questão de uma garantia de qualidade e gestão das políticas educacionais, sendo urgente sua implementação.



Essas prerrogativas também podem ser observadas nas recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica, através da Resolução do CNE/CP nº 04/2024, de 20 de maio de 2024 (Brasil, 2024), quando afirmam que

Compreende-se o **exercício da docência** como ação educativa, a partir da condução de **processos pedagógicos intencionais e metódicos**, os quais se baseiam em conhecimentos e conceitos próprios da docência e das especificidades das diferentes áreas do conhecimento, **incluindo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diferentes linguagens, tecnologias, evidências científicas e inovações. [...] o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC**, possibilitando o desenvolvimento de competências digitais docentes, para o aprimoramento da prática pedagógica e a ampliação da formação cultural dos professores e licenciandos (Brasil, 2024, p. 2, 5 – grifos próprios).

Para Bortolazzo e Feijó (2024), o trabalho docente sob a ótica neoliberal tem implantado nos professores o fenômeno da uberização, com modelos pedagógicos baseados em ambientes virtuais de aprendizagem, conectando os alunos à cultura digital, como Google Classroom, Google Meet, Facebook, plataformas on-line, whatsapp, lives, aplicativos como prof-e3, entre outros, assemelhando-se a uma espécie de Uber da educação. Os principais desafios apontados pelos autores sobre as novas reconfigurações do trabalho docente residem em uma carga horária mais extensa e intensa, agravada pela necessidade de atender a demandas suplementares, como aquelas oriundas de plataformas online, adaptação a novos métodos de ensino, elaboração de material didático e o princípio do trabalho ininterrupto (Bortolazzo; Feijó, 2024).

O professor Luiz Carlos de Freitas (2024)<sup>3</sup> em recente entrevista organizada por Bertagna e Luana (2024) trouxe uma reflexão sobre as causas, consequências e disputas sobre o que tem sido projetado sobre a qualidade da educação desde a reforma educacional. Para o autor, as lógicas do projeto educativo do capitalismo têm se manifestado com o aumento do controle do processo da escola, principalmente por meio das TIC, restringindo e desmoralizando a atuação docente.

Nóvoa (2022) traz uma reflexão sobre essas tendências tecnológicas que têm chegado às escolas, trazendo “discursos atraentes, inovadores, empreendedores, criativos, negam a herança histórica da escola e procuram fomentar uma educação esvaziada das

---

<sup>3</sup> A entrevista com Luiz Carlos de Freitas trouxe como temática uma discussão sobre “A ‘qualidade empresarial’ e a ‘qualidade social’ na reforma educacional: causas, consequências e disputas”, sendo organizada por Regiane Helena Bertagna e Luana Costa Almeida, e foi publicada pela Revista Educação e Políticas em Debate. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/75234/39424>>. Acesso em dez. 2024.



dimensões públicas e comuns, pautada pelo ritmo do consumismo pedagógico e do solucionismo tecnológico”. Para o autor, é fundamental ser corajoso e lúcido para enfrentar essas tensões que têm empobrecido a diversidade, diminuído a privacidade e afirmado novas formas de democracia.

O autor ressalta que essas mudanças têm sido uma metamorfose no ambiente educacional. Nas palavras desse pesquisador, o eixo central figura-se no entendimento de uma formação de professores que seja construída em ambientes que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem do futuro professor e para aquele que já está em serviço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Paulo Freire refere-se à necessidade de denunciar e de anunciar.  
Denunciar sem anunciar é renunciar. Anunciar sem denunciar é iludir.  
Na tensão freiriana, queremos introduzir um terceiro termo: anunciar.  
Pensar sem ceder ao imediatismo.  
(Nóvoa, 2022, p. 36)*

A escolha da epígrafe acima destaca o desejo de anunciar outras possibilidades para além daquelas que se encontram cristalizadas na lógica capitalista neoliberal, que inserem no trabalho docente atividades ininterruptas permeadas por cobranças excessivas, reforçando a ideia de uma responsabilização profissional costurada aos princípios de metas pré-estipuladas.

As mudanças implementadas pelas políticas educacionais sob a égide do capitalismo vêm paulatinamente ressignificando a escola, o aluno e o professor. Como disse Freitas (2021), a educação não necessariamente é nossa inimiga, mas tem sido utilizada como mecanismo de controle e modos de gerenciamento, tendo fortalecido a precarização dos docentes por estarem se desdobrando em diversas funcionalidades dentro do meio acadêmico/pedagógico.

A inserção das TIC's nessa sociedade contemporânea, vem modificando o cotidiano da comunidade escolar, os processos formativos dos professores e alunos, que tem sido conduzido por uma política neoliberal que tem priorizado valores competitivos e mercadológicos, implicadas pela plataformização em detrimento dos valores humanos e éticos.



## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Camila Chiodi et al. **O neoliberalismo e o empreendedor docente: para onde vai o professor universitário em tempos de pós-pandemia?** Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/2784>. Acesso em 10 dez. 2024.

ANDERSON, G. Privatizando subjetividades: como a nova gestão pública (NGP) está criando o “novo” profissional da educação. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 33, n. 3, 2017.

BERTAGNA, Regiane Helena; ALMEIDA, Luana Costa. A “qualidade empresarial” e a “qualidade social” na reforma educacional: causas, consequências e disputas. **Revista Educação e Políticas em Debate** –v. 13, n. 3, p. 1-15, set./dez. 2024. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/75234/39424>. Acesso em 05 de dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n.º 4**, de 12 de abril de 2024. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissional do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura). Brasília, 2024a.

MUNDIAL, Banco. **Reimaginando as Conexões Humanas: Tecnologia e Inovação em Educação no Banco Mundial**. Washington, DC, 2020. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/897971624347696117/pdf/Reimagining-Human-Connections-Technology-and-Innovation-in-Education-at-the-World-Bank.pdf>. Acesso em 09 de dez. 2024.

BORTOLAZZO, S. F. O Dilema das Plataformas e Redes Digitais: processos educativos, docência e neoliberalismo. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 66, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/educacao.vi66.4613>. Acesso em: 05 dez. 2024.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin; DE OLIVEIRA FEIJÓ, Rai Marcelo. Neoliberalismo e plataformação da sociedade: uma análise sobre o trabalho ininterrupto e suas implicações na profissão docente. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 04, p. 124-143, 2024.

GUERRA, Ana; DUARTE, Fernanda da Costa Portugal. Plataformação e trabalho algorítmico: contribuições dos Estudos de Plataforma para o fenômeno da uberização. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 22, n. 2, p. 38-55, 2020.



FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação: a consolidação do neotecnismo no Brasil. São Paulo: **Apase**. Acesso em 4 de junho de 2021, disponível em <https://www.yumpu.com/pt/document/read/14215056/os-reformadores-empresariais-da-educacao-apase>.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 1085-1114, 2014.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Neotecnismo digital**. Publicado em 11/07/2021. Blog do Freitas. Disponível em <https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnismo-digital/>. Acesso em 09 de dez. 2024.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Tecnicismo: ele está de volta**. Publicado em 26/08/2016. Blog do Freitas. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/08/26/tecnicismo-esta-de-volta/>. Acesso em 05 de dez. 2024.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Políticas curriculares, Estado e regulação. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 1337-1354, 2010.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Reorganização gerencialista da escola e do trabalho docente. **Educ. Teoria Prática**, p. 59-78, 2011.

KALIL, Renan Bernardi. **A regulação do trabalho via plataformas digitais**. Editora Blucher, 2020.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. Reformas internacionais da educação e formação de professores. In: SOUZA, D.T. R; SARTI, D.M (Org.) **Mercado de formação docente: constituição, funcionamento e dispositivos**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

MELLO, Micaela Balsamo de; SANTOS, Catarina Cerqueira Freitas; PEREIRA, Rodrigo Silva. A outra face da era digital: Nova Gestão Pública e controle do trabalho docente. **Retratos da Escola**, v. 16, n. 36, p. 899-916, 2022.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

SILVA, Amanda Moreira. DA UBERIZAÇÃO À YOUTUBERIZAÇÃO. RTPS - **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 5, n. 9, p. 587-610, 11 dez. 2020. Disponível em: <http://costalima.ufrrj.br/index.php/RTPS/article/view/698>. Acesso em 11 dez. 2024.

SILVA, Paula Alves Pereira et al. **EdTech e a plataformização da educação**. 2022. Disponível em: <<https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/19281>>. Acesso em 07 de dez. 2024.



